

ARTIGO

EDSON NUNES DA SILVA:

UM INTELLECTUAL NEGRO ENTRE AS MARGENS DA HISTÓRIA E DA EDUCAÇÃO E DAS VIAGENS A LONDRES E À NIGÉRIA NO SÉCULO XX

CRISTIANE BATISTA DA SILVA SANTOS

Professora Titular do DCIE – Departamento de Ciências da Educação da UESC-
Universidade Estadual de Santa Cruz.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7582-6582>

RESUMO: O tema deste texto é a análise da trajetória do intelectual baiano Edson Nunes da Silva. O recorte temporal inicia-se em 1940 e estende-se à década de 1960 do século XX em virtude de seus itinerários, viagens e circulações. Partimos da premissa de que o professor Edson Nunes empreendeu viagens de estudo, pesquisa e produção, resultando em muitas publicações que carecem de escrutínio por parte da historiografia. O problema de pesquisa da qual decorre este texto é: Qual o lugar deste professor negro no entrecruzamento entre a História Social e a História da Educação? Nossa hipótese é que sua trajetória se constitui na condição de intelectual negro mediador. As fontes utilizadas foram cartas, fotografias e a imprensa periódica. Recorremos aos acervos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, o CPDOC da FGV, *CEAO-UFBA*, *APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia e Credo- Special Collections and University Archives Digital*. Os resultados indicados apontam para uma invisibilização de sua trajetória no contexto historiográfico baiano, em face de outros intelectuais contemporâneos a ele, amplamente estudados, ao passo que no cenário nacional e transnacional seu nome foi amplamente citado e reconhecido. Logo, o objetivo deste texto é pôr em relevo a trajetória de um intelectual negro, incumbindo-se, portanto, de visibilizar seu protagonismo em viagens de estudo, da Bahia a Londres (1947) e da Bahia à Nigéria (1960).

PALAVRAS-CHAVE: História; História da educação; Intelectuais; Viagens.

EDSON NUNES DA SILVA:

A BLACK INTELLECTUAL BETWEEN THE MARGINS OF HISTORY AND OF EDUCATION AND TRIPS TO LONDON AND NIGERIA NO THE 20TH CENTURY

ABSTRACT: The theme of this text is the analysis of the trajectory of the intellectual from Bahia, Edson Nunes da Silva. The period begins in 1940 and extends to the 1960s of the 20th century due to his itineraries, travels and circulations. We start from the premise that Professor Edson Nunes undertook study, research and production trips resulting in many publications that lack scrutiny by historiography. The research problem from which this text arises is: What is the place of this black professor in the intersection between Social History and the History of Education? Our hypothesis is that his trajectory constitutes the condition of a mediating black intellectual. The sources used were letters, photographs and the periodical press. We used the collections of the Digital Newspaper Library of the National Library, the CPDOC of the FGV, CEAO-UFBA, and APEB – Public Archive of the State of Bahia and Credo- Special Collections and University Archives Digital. The results indicated that his trajectory was invisible in the historiographical context of Bahia, in comparison with other intellectuals contemporary to him, who were widely studied, while in the national and transnational scenario his name was widely cited and recognized. Therefore, the objective of this text is to highlight the trajectory of a black intellectual, taking on the task of making visible his leading role in study trips, from Bahia to London (1947) and from Bahia to Nigeria (1960).

KEYWORDS: History; History of education; Intellectuals; Travel.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v83p365-398>

Recebido em: 11/04/25

Aprovado em: 16/07/25



Entre a História e a Educação

Este artigo visa compreender a trajetória de Edson Nunes da Silva, um sujeito histórico caracterizado como intelectual da educação que empreendeu duas viagens entre 1940 e 1960, respectivamente para Londres e Nigéria onde coletou dados, escreveu cartas, estabeleceu redes de sociabilidades com pesquisadores internacionais. Neste itinerário traçado, o professor consagrou-se nacional e transnacionalmente devido à sua extensa produção acadêmica de livros e da escrita de uma gramática na língua Iorubá.

No entanto, seu nome é ausente das listas dos intelectuais pesquisados, mesmo após um levantamento bibliográfico sobre professores e intelectuais baianos, despontando outros nomes aclamados em âmbito nacional atinentes ao tempo e espaço em que ele foi professor, pesquisador e intelectual mediador na Bahia. Seu nome fica em silêncio na historiografia, ausente das plataformas de pesquisas mais detalhadas. Contraditoriamente, seu nome afirma-se como autor de diversas obras, mas este é o primeiro texto que o toma como objeto de pesquisa.

O escopo deste texto é, portanto, discutir os impactos das viagens de pesquisas empreendidas por Edson Nunes e as representações delas decorrentes, como o do negro brasileiro, a relação com a África e Bahia, a educação africana em contraste afro-brasileira e as relações raciais nas correspondências e circulação de ideias registradas pelo professor nas duas viagens.

Logo, este texto bifurca-se no entrecruzamento entre a História da Educação e a História Social, pois se focaliza nas trajetórias dos sujeitos da educação, sobretudo considerando o professor como protagonista de uma circulação transnacional de ideias, imagens e representações sobre o negro na educação (Ecar; Barros, 2022).

Utilizamos como fontes as notas da imprensa periódica, as cartas enviadas pelo professor Edson a autoridades baianas nos arquivos do CPDOC/FGV e CEAO/UFBA, algumas fotografias de Ibadan, onde ele estava hospedado, bem como suas descrições pormenorizadas sobre a estrutura universitária que o acolheu. O objetivo deste texto não é retomar uma discussão já de grandes investimentos, como a falácia da “democracia racial”,

tampouco analisar o conteúdo das obras de Edson ou dos pesquisadores que vieram à Bahia ou foram à Nigéria em suas pesquisas de campo. Trata-se de mapear, nas viagens, a circulação de ideias, as relações de trocas, a produção de professores negros e, neste recorte, elegemos Edson Nunes da Silva. A trajetória deste professor não deve ser vista, como advertira Benito Schmidt (2000) ao afirmar que durante muito tempo os estudos sobre trajetória foram vistos como modelo de história tradicional, voltados apenas para narrativas apologéticas.

Trajetória de intelectuais nos estudos sobre História da Educação

No campo da História da Educação, trajetórias singulares de professores negros em seus percursos formativos, tem sido objetos de grande interesse emergindo destas pesquisas sujeitos, suas agências, produções e circulações que reafirmam “[...] a identificação com procedimentos próprios ao fazer historiográfico, [...]” (Vidal; Faria Filho, 2003, p. 60).

Sobre o campo da História da Educação no Brasil no que tange à população negra este sempre foi marcado por incursões de intelectuais brasileiros e estrangeiros que viram nesta relação – população negra e educação formal- desde uma equivocada ausência de pretos no sistema educacional, até os associar a uma presença facilitada por um padrinho branco e rico que os agenciou, uma ideia massiva romantizada e eivada ainda pelas ressonâncias da “democracia racial” propalada por Gilberto Freire, a do negro intelectual, mas excepcional. Uma vez que a recente historiografia da educação superou esta ausência do negro na educação, resta-nos discutir a presença e os protagonismos em diversos espaços.

Cumpre-nos, portanto, duas tarefas: a primeira é de apresentar um panorama da tomada de trajetória de intelectuais nos estudos sobre História da Educação nas acepções que se aproximam do nosso objeto. Vamos à primeira. O estudo da trajetória de intelectuais negros na História da Educação tem crescido exponencialmente com a sofisticação do campo em abordagens, emergindo novos sujeitos. Neste sentido, recorreremos à análise de Bontempi Junior (2020) que traçou este percurso inventariando produções, variantes e diversos modos de apropriação de referências e os usos deste conceito pelos historiadores da educação. Na questão tangenciada pelo

recorte racial, como Edson Nunes, evidencia-se a ascensão de sujeitos não-brancos na História da Educação, tomando-os ora como intelectuais, escritores, professores e contemplando suas biografias e percursos formativos. Neste campo teórico, destaca-se inicialmente a pesquisa de Barros (2021). A autora revisitou a temática sobre intelectuais negros com novos pontos de vista, mapeando-os entre o século XIX e o início do XX.

Na Bahia, destacamos esse crescente interesse na tríade intelectual, negro e professor. Apontamos neste lastro pesquisas como a de Cavalcante (2020) com a trajetória do professor Cincinato Franca; a do poeta, professor e escritor Deoclecio Silva por Santos (2022); Assis e Brito (2024) por sua vez perscrutaram Alberto Assis, um professor, autor e intelectual na Bahia republicana; Santos e Santos (2022) investigaram a relação entre a capital e o interior baiano traçando a trajetória de um professor negro no magistério superior, Francolino Gonçalves de Queiroz Neto. Neste cenário, além de Deoclecio Silva e Francolino Neto outros fizeram parte desta rede de sociabilidade de intelectuais na primeira República transitando entre formação e atuação, na capital do Estado (Salvador) e no interior em Ilhéus, como Milton Santos que atuou como professor, escritor e advogado em Ilhéus, conforme Santos (2024).¹ Apontamos outra inclusão neste entrecruzamento e no recorte espaço-temporal, a trajetória da intelectual Maria da Conceição Soares Lopes, discutida por Santos (2023).

Este panorama revela-se como uma mostra significativa de universo de sujeitos de cunho prosopográfico com similaridades coletivas, de um perfil de intelectuais com origens que remontam ao período pós -abolição e que recentemente tem sido pesquisado com relevo nos seus traços biográficos, profissionais e raciais afins: professores oriundos de famílias formadas ainda no período escravista, pais de filhos libertos, que construíram um caminho até que estes alcançassem a Escola Normal e alguns o Direito ou a Medicina.

Quanto à segunda tarefa, cabe-nos discutir como as viagens figuraram nos processos de pesquisa e compreensão das trajetórias destes intelectuais na História da Educação. Sejam viagens com fins explícitos de estudo,

¹ Projeto de Pesquisa- UESC/PROIC - "Professores, doutores e correspondências sobre a instrução Pública municipal no Jornal Oficial de Ilhéus de Milton Santos a Francolino Neto" (1937-1967) "- Aprovado em 13 de jun. de 2024. Disponível em: <https://propp.uesc.br/>

formação ou pesquisa, subvencionadas ou não, sempre foram empreendidas por professores e objetos do interesse da História e depois da História da Educação. O tema das viagens ocupou espaço e inspirou narrativas caras no campo da História. E mais recente, a História da Educação deu ensejo a este objeto revelando que mais do que viagens pedagógicas de educadores renomados, interessava problematizar a circulação de sujeitos da educação implicando em significativas trocas de práticas culturais e políticas culminando na possibilidade de análises de narrativas que chegariam em tese, ao chão de alguma escola. No decorrer do século XX, as viagens, e como parte estruturante delas, as cartas, relatos e correspondências, constituíram-se em importantes fontes documentais que problematizaram questões também passíveis de intersecções entre classe, gênero e raça e incidem em repensarmos as contribuições destes achados para a aplicabilidade da lei 10.639 na proposta de inclusão de sujeitos antes invisibilizados.

Como marca distintiva, nas primeiras décadas do século XX, um elenco de educadores empreendeu travessias, viveu a experiência de estudar ou pesquisar fora do Brasil. O intelectual baiano Anísio Teixeira peregrinou aos Estados Unidos e à Europa entre 1925 e 1929, e foi de seu acervo que mais tarde, na década de 1960, pude rastrear a segunda viagem de Edson Nunes da Silva, da qual mais adiante trataremos aqui.

A relação entre viagens que geram cartas, sobretudo entre educadores ou intelectuais, analisando a educação num dado tempo e lugar, é premissa cara a este texto. As cartas selecionadas para nossa análise coadunam com o fascínio destacado por Mignot (2003) quando falou sobre o aprisionar no papel o banal ou o surpreendente da vida cotidiana e tem contagiado a muitos sujeitos de diferentes gerações, sejam homens, mulheres, jovens, adultos ou velhos. Professores e pesquisadores costumavam deixar registros escritos à mão até meados do século XX, como fez Edson.

Alexandra Lima Silva afirma que “o deslocamento no tempo e no espaço proporcionado pelas viagens pode levar a uma releitura da própria cultura, como também à ampliação dos horizontes em relação à compreensão do outro, o diferente” Silva (2013, p. 110). A autora buscou exatamente explorar a relação viagens/História, com especial atenção aos usos das experiências dos viajantes no âmbito da historiografia da educação.

Diana Vidal fez exatamente uma retrospectiva de como este entrecruzamento tem largo histórico e detalhou Vidal (2017) como há registros de viagens de professores brasileiros ao exterior desde a época do Império. Conforme o mapeamento de Vidal: Abílio César Borges para a Europa em 1866, 1870 e 1879 visando aprender sobre pedagogia, práticas e modelos de escola que ele esperava adotar em suas escolas; Antônio Herculano de Souza Bandeira Filho à França, Áustria e Alemanha em 1883, onde foi contratado para visitar jardins de infância e escolas normais; Maria Guilhermina Loureiro de Andrade entre 1883 e 1887, para estudar a pedagogia de Friedrich Fröbel, métodos e processos de aprendizagem intuitivos; além de Joaquim José Menezes Vieira que viajou para a França, Itália, Bélgica, Alemanha e Suíça em 1882 e em 1888-1889 em busca de inovações pedagógicas no estrangeiro.

Destas viagens, portanto, os relatos escritos decorrentes se tornaram objeto de pesquisa muito investigados, como as cartas, fontes tão discutidas por Bastos, Cunha e Mignot (2002). No campo da História da educação é consistente a literatura sobre viagens pedagógicas, educadores e as missivas produzidas por eles como postulam Mignot & Gondra (2007); Viñao Frago (2007), Mignot (2010), Silva (2013), Dantas, Orlando & Silva (2015), Mignot (2012), Gondra; Schueler (2012) e Matos (2015). Estes autores em conjunto destacam a diversidade de trajetórias e a multiplicidade de experiências, ressaltando a formação de redes por vezes interpessoais e institucionais. Inventariei algumas destas experiências, de como um professor, por pesquisa ou formação empreendeu uma viagem. No entanto, há um hiato no recorte entre viagens de professores negros ou professoras negras, acionando a questão racial como um marcador.

Lima e Mignot (2011) discutiram sobre a viagem de uma Comissão de Professores Primários à Europa e aos Estados Unidos fizeram parte Luiz Augusto dos Reis, Manoel José Pereira Frazão e Amélia Fernandes da Costa, que deixaram relatórios de viagens. As autoras nos permitem inferir que apenas uma mulher estava no referido grupo. Outros professores, pretos, viajantes em pesquisa emergiram e entre eles elencamos nas fontes perscrutadas listamos: em 1919 James Bertam Clarke; em 1928, Enock Carteado; em 1941 Franklin Frazier; em 1947 Irene Diggs; em 1948/1960 Edson Nunes e entre 1958 e 1960 Milton Santos.

Embora contassem com origens e motivações diferentes, problematizamos as viagens como significativas pelo caráter formativo interseccionado pelo marcador racial e delas originando obras e estudos publicados. No contexto da primeira metade do século XX, a Bahia transformou-se num interessante laboratório tropical de observação do Brasil a respeito das culturas africanas e afro-brasileiras na América Latina. Intelectuais europeus e norte-americanos viam no paraíso da democracia racial e na Bahia, especialmente, como um grande cenário pitoresco onde as populações negras ascendiam socialmente sem impeditivos relacionados à cor da pele.

Estes sujeitos entraram ou saíram do Brasil num determinado período com fins de pesquisa, estudo ou escrita, eram todos negros e professores. Cada viagem guarda uma particularidade, mas que nos permite, em conjunto, compreender tensões, impressões e imaginários sobre as questões raciais dentro e fora do Brasil numa perspectiva transatlântica. De modo mais detalhado, apontamos.

Quadro 1 – Intelectuais professores negros em viagens.

Ano da viagem e Nome	Ano	Itinerário Analisado na pesquisa	Profissões
James Bertam Clarke	1919	EUA – Rio de Janeiro	Professor, Escritor, Orador
Enock Carteador	1928	Ilhéus - Paris	Professor, Médico, Orador
Franklin Frazier	1941/ 1943	EUA - Bahia	Professor, Sociólogo
Lorenzo Dow Turner	1941/ 1943	EUA - Bahia	Professor, Linguista
Irene Diggs	1947/ 1948	EUA - Rio de Janeiro	Professora, Antropóloga
Edson Nunes	1946. 1960	Bahia - Londres Bahia - Nigéria.	Professor, Novelistas, Folclorista, Filósofo.
Milton Santos.	1960	África - França	Professor, Advogado, Geógrafo.

Fonte: Elaboração da autora para este texto.

A escolha destes sujeitos foi crivada por aspectos atinentes aos campos da História e da História da Educação, pois, para isto selecionamos critérios inclusivos de suas biografias como formação, pertencimento racial, circulação de ideias e sobretudo o acesso a fontes sobre suas viagens como cartas e textos publicados na imprensa.

Caminhos teóricos e metodológicos na acepção do intelectual mediador

É ampla, mas necessária a discussão que cerca o historiador ao lidar com objetos como cartas e viagens, é preciso remontar aos postulados abertos pela Nova História Social e Cultural, sob influência em maior ou menor grau, mas sempre partindo de orientações contumazes de teóricos como E. Thompson (1981, 1987), Le Goff (1986), C. Ginzburg (1989a, 1987), F. Dosse (1994), P. Burke (1992) que sustentam na interface com a História da Educação, a emergência de experiências singulares, cartografando a escrita, produção e circulação dentro de protagonismos de sujeitos atuando como professores intelectuais em suas agências como categoria de análise.

Teoricamente, utilizamos os entendimentos de Sirinelli (1996) sobre o conceito de intelectual. Edson Nunes fazia parte do que reiteradamente repetimos neste texto como parte de rede de sociabilidades explicada por ele (Sirinelli, 1996), isto é, o que legitimava sua atuação na imbricação entre os campos político, educacional e intelectual. Conforme o autor, há uma necessidade de analisar as ideias produzidas e defendidas pelos intelectuais de forma articulada com a cultura política da época em que ele está inserido. Edson Nunes estava no contexto de interesse internacional nas relações África-Bahia. Cabe ainda dialogarmos com as ênfases dadas ao emprego das noções de itinerário (ou trajetória), geração e sociabilidade apontados por Sirinelli (e/ou elites culturais) (Sirinelli, 1996, p. 245). O conceito de intelectual mediador, correntemente usado na bibliografia especializada, é aqui associado com a trajetória deste intelectual negro como um mediador, é oriunda da categoria que propõe (Hansen; Gomes, 2016). Encontramos neste conceito aproximações com a trajetória de Edson Nunes por ser este um sujeito histórico multifacetado, e para além do sentido tradicional de homens das letras, era um mediador cultural, agindo em diversas frentes e assumindo lugares de impacto na sociedade com a docência em paralelo a cargos, escritos diversos, concessão de entrevistas, publicações e influências diversas. O intelectual que atua como mediador cultural, como fizera Edson Nunes, “produz, ele mesmo, novos significados, ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, reconhecidos como preexistentes. Com esses outros sentidos inscritos em sua produção, aquilo que o intelectual “mediou” torna-se, efetivamente, “outro produto”: um bem cultural singular. (...) (Gomes;

Hansen, 2016, p. 18-19) foi assim que Edson catalogou palavras africanas na sociedade baiana e vice-versa. No caso de Edson destaca-se o ensino de línguas como o inglês na docência cuja fluência lhe abriu portas para pesquisa em Londres e no Iorubá na Nigéria em locus originando daí a constituição de uma gramática iorubá e publicada em inglês, além de sua produção larga da caracterização de elementos afro-brasileiros comparando-os com a ideia destes na Bahia e na Nigéria. Quanto a isto, Gomes e Hansen explicam que “os intelectuais seriam homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social (Gomes; Hansen, 2016, p. 10).

Edson enquadra-se nestes aspectos de mediação e produção cultural, pois foi além de escrever para o grande público, ganhou notoriedade como referência internacional, continuou sendo professor de inglês da rede estadual de ensino ao passo que publicava obras acadêmicas sucessivas e nesta ambiguidade, para ser mediador junto a um público não especializado, “em muitos casos o intelectual mediador necessita de um grande empenho para se especializar em escrever/falar/fazer/gerir/organizar” (Gomes; Hansen, 2016, p. 21). Ele fez estes processos com maestria. Pensá-lo nestes termos foi possível graças à perspectiva da denominada ‘história vista de baixo’ e investigá-lo se deu à maneira da micro história italiana. Segundo Burke (1992, p. 136), “a micro-história com uma prática é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental”, só assim foi possível partir dos indícios iniciais, que foi o nome de Edson Nunes como o professor que assinava uma carta, até deslindar pelo sobrenome, seu pertencimento racial e outras cartas, parentesco, local de trabalho, citações na imprensa para compor sua trajetória. Valendo-se das novas abordagens e temas que privilegiam professores como Edson Nunes, a partir de trajetórias de ‘pessoas comuns’ em suas experiências, através do diálogo entre a conceitualização e a confrontação empírica (Thompson, 1981).

Outro conceito caro a esta discussão é o de trajetória e aqui converge para teóricos que dialogam com o escopo deste texto. O primeiro delas é o de Bourdieu (1996) que busca compreender a trajetória como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo)” afirma (Bourdieu, 1996, p. 81) e isto nos remete ao modo como Edson

Nunes atuou em diferentes esferas da sociedade baiana, divulgado na imprensa nacional de modos diferentes de descrição ora como professor, autor, escritor, linguista e ocupou um duplo lugar de poder e representação social mesmo sem o apoio material, do qual se queixou em cartas, dominou o poder simbólico.

Destarte, a operação metodológica dialoga com a natureza historiográfica, e, portanto, partiu da pesquisa documental amparando-se no método indiciário de Ginzburg (1989), investigando as redes de sociabilidade, os nomes dos sujeitos a ele ligados por família ou profissão, indagando as fontes documentais. E, metodologicamente, ressaltamos o uso do método indiciário de Ginzburg (1989), que evidencia que “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (Ginzburg, 1989, p. 177). Logo, no tratamento das fontes, o método indiciário tornou-se fundamental, o único neste caso, pela capacidade de traçar vestígios, parentescos e, a partir do nome de Edson Nunes, alcançá-lo em listas, grupos de trabalho, festividades e redes de sociabilidades. Interessa mapear seus pares, seus opositores, seus colegas no Ginásio e os demais intelectuais circulantes ali que com ele trocavam ideias.

A cada rastro de familiar ou colega de trabalho, seguimos as pistas pela ligação nominativa, com buscas na hemeroteca digital e nas plataformas de acesso mais amplas, buscando suas produções citadas no exterior. Logo, metodologicamente, procedemos a uma análise verticalizada, pela redução de escala ao nível dos detalhes sobre uma unidade recortada e potente em informações, antes invisíveis nas macroanálises (Ginzburg, 1989b, 2006). Assim que um nome aparentemente se repetia dentro da pesquisa, seguimos pelo ‘fio do nome’ ganhando corpus, produção, atuação, traços biográficos, fotografias, redes familiares e identidade racial a partir da leitura de seus traços fenotípicos e de seus escritos e pesquisas. Pudemos então defini-lo como professor, intelectual, escritor, preto, viajante, primo de Milton Santos, professor do Ginásio, bolsista em Londres, pesquisador na Nigéria.

O professor Edson, filho de José: segunda geração familiar no magistério

A partir do fio do nome, buscamos rastros do professor em cartas e jornais, traçando linhas de parentesco e redes de sociabilidade, tanto no texto

das cartas quanto nas notas da imprensa. Identificamos o pai do professor, um professor público primário, e a condição de Edson Nunes como o de segunda geração familiar no magistério, com parte da família atuando no Espírito Santo, onde seu pai atuava como professor. Esse capital simbólico é fundamental na composição do perfil intelectual de Edson.

As lacunas na pesquisa dão-se no deslocamento familiar do Espírito Santo para a Bahia, mas podemos inferir, conforme uma entrevista de Milton Santos, que o parentesco sugere vínculos com a Bahia, justificando as relações de mudança para a Bahia. Encontramos seus primeiros vestígios familiares em Guarapari, Porto das Argolas e uma série de movimentações comuns aos professores no início do século XX. Na Bahia, só o encontramos em 1889, quando José Nunes da Silva foi aprovado no exame preparatório em latim no Lyceu do Estado da Bahia.² Conforme a imprensa, ele migrou da Bahia para o Espírito Santo, onde atuou como professor. Em 1895, o pai de Edson já era citado como professor público primário quando publicou uma carta na imprensa. Vê-se, tão logo, que o professor tinha iniciativa política, demonstrava com a carta sua comunicação com os professores da Bahia e tratava sobre uma revista pedagógica. A imprensa capixaba o cita com deferências na carreira do magistério.

Trechos de seu itinerário são descritos no Diário da Manhã que publicou em 1917 que, sob o decreto n. 2832, aconteceu a remoção do professor José Nunes de uma escola masculina isolada da Vila Rubim para o Grupo Escolar Gomes Cardim. Presumimos, pelas fontes, que, neste contexto, Edson Nunes tinha por volta de um ano. E de fato, confirmamos quando, mais tarde, viajou para Londres, no registro de passageiros consta como professor, nascido em 1917 e que tinha 30 anos.³ Em 1921, Jose Nunes da Silva compunha uma banca examinadora dos candidatos ao concurso do magistério primário. Nos dois anos seguintes, as notas eram desejando restabelecimento da saúde e o reconhecimento da importância do professor José Nunes. Em 1926, sua saúde ainda estava debilitada, pois o Diário da Manhã rogava pela saúde do “dedicado professor da Escola Modelo”. A partir de então, acompanhamos

² HDBN -Diário da Bahia: O Diário da Bahia é propriedade de uma Associação (BA) - 1882 – 1889,04 de dezembro de 1889, p.01

³“United Kingdom, Outgoing Passenger Lists, 1890-1960”, *FamilySearch* (<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:68PN-Z9G9: Sun Mar 10 14:03:27 UTC 2024>), Entry for Edson Nunes Da Silva, 19 Aug 1947.

trechos da vida de Edson já na Bahia. Mas sua origem familiar, o capital cultural e simbólico é muito significativo da trajetória que ele trilhou como professor e quando passamos a acompanhá-lo na década de 1940. Os descritores de busca na Hemeroteca, portanto, com o nome do professor Edson Nunes, bem como o da instituição em que ele trabalhava quando foi selecionado como bolsista em 1946, apontam mais para a vida profissional que pessoal. Neste procedimento, chegamos ao Colégio Estadual da Bahia ou Ginásio da Bahia e pudemos acompanhá-lo, compondo o quadro docente como professor de inglês. E foi nesta mesma instituição de ensino que seu pai, José Nunes, estudara em 1889.

Preto retinto, amante da escrita e das línguas, apontamos esta a sua pré-condição, o domínio da língua inglesa, para submeter-se a uma seleção de bolsistas que passariam dois anos estudando em Londres caso fosse aprovado. Atuar naquela instituição era uma posição de destaque, uma ascensão social, por ser uma minoria de negros e negras a atuar ali como corpo docente. A lista do quadro de professores nos permite identificar que, além de Edson, mais dois professores negros ombreavam com ele: Candolina Rosa e Francisco da Conceição Menezes, que foi diretor da instituição. Podemos encontrar ainda uma professora do quadro, sem identificação racial, que estava em viagem de estudos como bolsista na França, a professora Maria Alice Teixeira da Silva. O que indicia que Edson estava num contexto de conquistar uma posição de bolsista já vivenciada ali.

Figura 1 - Corpo docente do Colégio Estadual da Bahia década 1940.

(Cont. da Relação nº 1)

NOME	CARGO	Nº aulas mensais	OBSERVAÇÃO
Julia Amelia Viana Leitão Filha	Assistente	32	
Laureana Soares Sampaio	"	18	
Luiz Meneses Monteiro da Costa	"	27	
Mancel Brasil de Freitas	"	27	
Onilma Idalina Benerra	"	54	
Paulo Americo de Oliveira	"	54	Vice-Diretor-Sec.Gest
Ramakrishna Bagavam dos Santos	"	54	
Renato Vas Sampaio	"	54	Superintendente do Ens.Segund.N.Prof.
Socrates Marback d'Oliveira	"	31	
Silvio Pereira Moacir de Andrade	"	27	
Virgilio de Lima Oliveira	"	54	Vice-Diretor-Sec.Gest
Walter Rui Soares dos Santos	"	27	
Maria Viste de Seixas Pereira	"	14	
Auto José de Castro	Prof.Sec.	59	
Azari Sampaio Maricof	"	72	
Adolfino Ferreira da Cunha	"	27	
Alcir Naidiro Praga Ferraro	"	27	
Abelita Gama da Silva	"	18	
Adilson Peixoto Sampaio	"	5	
Belaira Maria dos Santos	"	41	
Aristides Praga Lima	"	41	
Candolina Rosa de Carvalho	"	27	
Edson Nunes da Silva	"	68	
Emilson Sales Batista	"	27	
Felipe Banquet Angalida	"	9	
Eugracia Maria Pinental de Sá	"	77	
Giribaldo Fonseca Santana	"	77	
Gerson Alexandrino do Nascimento	"	54	Desig.n/responder pelo exp.do Cia.Itap. (Port.280-29/5/951)

Fonte: APEB, Secretaria da Educação, Caixa 3950. Maço 53.

Conforme (Barros e Almeida, 2022) havia uma importância em ser professor naquela instituição centenária que remontava ao século XIX, pois primeira fase da instituição se dera no ano de 1836, com a criação do intitulado Lyceu Provincial da Bahia; sua segunda fase iniciou-se em 1895, com a extinção do Instituto Oficial do Ensino Secundário. Explicam ainda os autores que, com a chegada da República, a instituição se reconfigurou e passou a ser nomeada como Gymnasio da Bahia.

A admissão de Edson Nunes num espaço eminente onde figuras intelectuais da sociedade baiana estudaram e atuavam como sujeitos de prestígio perante a população lhe permitiria ser bem-visto pela *British Council*? Como aquele professor distinto, erudito, preto, retinto e com o domínio do inglês cuja trajetória aqui recuperamos, conseguiu firmar-se num contexto racializado para compreendê-lo. Contemporâneo a Edson Nunes, Cid Teixeira, historiador baiano, falou sobre ele numa entrevista.⁴ “Foi meu colega. Grande professor de inglês. Foi para Nova York. Aliás, para Londres fazer curso de especialização. E era negro baiano. Ele suou para ser professor de inglês. Negro baiano que se especializou em professor de inglês” (Teixeira,

⁴ Disponível em: <https://www.paginadepolicia.com.br/noticia/18499/morre-o-professor-e-historiador-cid-teixeira-aos-97-anos>

2010). Compreendemos que o suor aludido por Cid Teixeira compreenda dificuldades não ditas de cunho racial e econômico, afinal era o único preto professor de inglês no período em análise nesta instituição.

Do professor de inglês ao bolsista e viajante que escreveu cartas

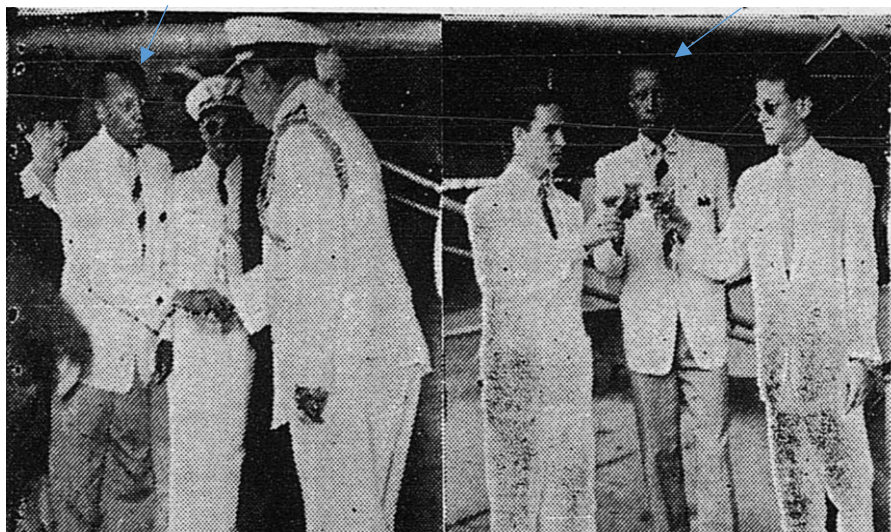
A imprensa publicou enfaticamente em 1946 notas sobre professores como os novos contemplados com bolsas de estudo fora do país. Londres descava-se como um dos destinos mais comuns, objetivando estreitar os laços de amizade que uniam a Grã-Bretanha e o Brasil. Oficialmente, alegava-se na imprensa que estariam assim incrementando o intercâmbio cultural todos os anos ao oferecer bolsas de estudos nas tradicionais universidades inglesas. Nas chamadas para as inscrições, a imprensa conclamava aqueles que, possuindo determinados conhecimentos fundamentais, tornar-se-iam candidatos aptos para realizar um curso de especialização em qualquer setor cultural.

Nestes proclames, Edson passou pela seleção e entrou para o programa o *British Council* de bolsas de estudos a estudantes brasileiros para os anos de 1946 a 1947 e foi por dois anos fazer um curso de especialização no *University College de Nottingham*.⁵ Em 1946, foi publicada no Diário de Notícias a autorização para ter sua matrícula trancada na Faculdade de Filosofia da Bahia durante um ano, entre agosto de 1946 e 1947, em virtude de ter conseguido a bolsa de estudos no exterior.⁶ Além de professor de inglês e aluno da Faculdade de Filosofia da Bahia, seu nome apareceu como integrante da campanha nacional de aviação como um dos postulantes a aviador. Nesta ocasião, a imprensa publicou um telegrama e uma fotografia de Edson em meio à campanha da aviação na Bahia, batizando um avião de Roosevelt, ocasião na qual foi o orador representante.

⁵ HDBN, **Novos contemplados com bolsas de estudo**, O Jornal, Quarta-feira, 28 de agosto de 1946, ed.8077, p.06

⁶ HDBN, **Pareceres aprovados pelo Conselho Nacional de Educação**, n.290, Diário de Notícias, Rio de Janeiro, edição 7369, p.06

Figura 2 – O professor Edson Nunes da Silva.



Fonte: HDBN, O Jornal, (RJ) 15 de novembro de 1942, 1d 7189, p.01.

A bolsa de estudos representou uma porta para o contato de Edson Nunes com intelectuais estrangeiros, estabeleceu contatos e convites futuros que incidiriam na viagem futura. Inferimos que neste percurso na *University College de Nottingham* ele estrategicamente ocupou lugares como postula Sirinelli (2003, p. 243), que se baseia em duas acepções para pensar o conceito de intelectual: uma ampla, a sociocultural; e outra mais restrita, fundamentada na noção de engajamento, considerando que essa última não é autônoma em relação à acepção que define como ampla. No interstício entre as viagens, ou seja, no lastro de tempo entre 1947 e 1959, podemos rastreá-lo na imprensa com suas contínuas publicações ou manifestações públicas de apoio político como no caso em que seu nome estava na lista dos intelectuais baianos que assinaram um documento em defesa de Luiz Carlos Prestes.⁷ Edson figurava como parte da elite intelectual, assinando como professor de inglês. Ao mesmo tempo, quando usamos seu nome como descritor de busca na Hemeroteca, são inúmeros os achados ligados à votação em questões literárias, poesias e incumbências, sempre na ordem do campo intelectual e com destaque para o Sudeste do Brasil.

Elenca-se, neste período, uma série contínua de publicações: "*Fontes da cultura popular afro-brasileira: Yemanjá, um símbolo cosmogônico*", em

⁷ HDBN, Imprensa Popular (RJ) – **Erguem-se os intelectuais baianos em defesa de Luiz Carlos Prestes**. Edição 00592, 09 de janeiro de 1951, p. 3.

1958. Apenas um ano depois, a Folha Mineira, em 8 de maio de 1959, destacava a importância da *Gramática da Língua Yorubá*. A reportagem destacava que o “professor Edson Nunes da Silva, dá-nos com esta sua ‘Introdução’” um valioso trabalho cuja utilidade não se limita apenas a nossa cultura linguística”.⁸ O articulista continuou o texto fazendo alusão à escravatura, aos africanos e ao reconhecimento, a partir desta obra, das múltiplas contribuições que nos trouxera, os contingentes de escravizados aqui aportados, e que tal aculturação ainda continuava. Importa destacar que as produções do professor ganhavam destaque na imprensa nacional com sentido histórico. No Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional (RJ) que circulou entre 1938 e 1982, identificamos uma obra de sua autoria intitulada “*Introdução ao estudo do verbo To Get*” publicada em 1952.⁹ Dois anos depois, o mesmo periódico anunciava a publicação de “*Preconceito*”.

A segunda viagem: a Nigéria em 1960

Para entender o contexto da viagem de Edson Nunes à Nigéria, é preciso compreendê-la como parte de suas relações estabelecidas em Londres como bolsista de destaque e depois desta, em como suas produções consagraram-no como um pesquisador. A Bahia que Edson viveu entre 1940 e 1960 tornara-se campo pródigo de pesquisa, recebia muitos professores, pesquisadores europeus ou afro-americanos ávidos para estudar as relações raciais e viam a Bahia como um repositório da África fora dela. A ideia de viajar em busca destas relações com o “laboratório racial” estava assentada no meio intelectual. Lívio Sansone (2012) apontou um elenco de pesquisadores em Salvador como Donald Pierson, Ruth Landes, Melville e Frances Herskovits, Franklin Frazier e Lorenzo Turner, todos queriam perscrutar a forte presença negra e africana na Bahia. Pierson escreveu a obra *Elites de Cor* e inclusive entrevistou Enoch Carteador e os colegas de Edson Nunes para a obra em que analisava professores pretos e a educação como motivo para ascensão social. (Guimaraes, 1996).

⁸ HDBN, Folha Mineira (MG) - 1949 a 1959. **Gramática da Língua Yorubá**. Sexta feira, 8 de maio de 1959, p. 02, edição 004001.

⁹ HDBN, Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional (RJ) - 1938 a 1982, ed. 001, p.84

Da Bahia para África partiram alguns professores. Esse elenco de intelectuais na costa ocidental africana chegara até lá alegando motivos diversos, sobretudo como leitores na universidade, mas o ponto convergente era a busca pela relação e representações de uma África na Bahia e uma Bahia na África, com estreito vínculo religioso e linguístico.

Na segunda viagem, desta vez para a Nigéria, havia uma nova geopolítica vigente a partir do pós-guerra entre os anos 1950 e 1960, como marcador de questões de campo diferentes, a fundação do CEAO em Salvador, a presença de leitorado brasileiro na África, sobretudo na Nigéria. A sociedade da década de 1960 estava marcada pela racialização das relações sociais que acompanhava na imprensa o crescente movimento das independências das sociedades africanas. No plano interno, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso para o sul e Thales de Azevedo para a Bahia, sob a patente da Unesco, refletiam sobre a questão da cor e da mobilidade social do negro (Guimarães, 1996).

Mas, por uma lente cristalizada ainda pelas relações escravistas na sociedade, a imprensa reiterava uma missão salvadora destes intelectuais baianos indo para a África, dar aula, cursos como uma jornada acompanhada pela imprensa e subsidiada pelo Estado. A caminho da África, em 07 de julho de 1960, Edson Nunes esteve no Rio de Janeiro, onde embarcaria via Air France. Mesmo assim, teve tempo em estabelecer contatos concedendo uma entrevista ao *Jornal de Umbanda*¹⁰ que destacava, neste caso, com detalhes, a grandiosidade daquele intelectual. O artigo detalhou o roteiro da viagem e ele iria a Londres novamente, depois à Nigéria para prosseguir nos seus estudos de Pedagogia, Etnologia e da língua Iorubá.

A política africana do Brasil foi implementada no governo Jânio Quadros a partir desses laços histórico-culturais. Nesta altura, ela foi definida como um instrumento contra o colonialismo e o racismo. As relações entre África e Bahia, intercâmbios, trocas e cooperações, foram um tema de sólidas investigações Reis (2021). O surgimento do Centro baiano, o primeiro dos três centros de estudos africanos criados no Brasil entre o final dos anos 1950 e o início da década de 1960 associado a um contexto internacional em que o interesse crescente em torno de temas africanos — motivado pela iminente

¹⁰ HDBN, *Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda* (RJ) - 1952 a 1960, edição 0099, 1960, p. 02.

independência dos países africanos implicou no estímulo a fundação de centros de pesquisa sobre a temática. No Brasil, o interesse pela África era estimulado pelo olhar português, a projetar a imagem internacional de "democracia racial" e aproveitar a comunidade dos "brasileiros da África" para se expandir no continente (Alberto, 2011).

Em 1959 ocorreu em Salvador, o 2º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros e neste contexto, fugindo da ditadura salazarista, num autoexílio, chegou à Bahia o professor George Agostinho da Silva. Esta figura intelectual fez movimentações, teceu redes e contatos que culminaram numa proposta ao então reitor da Universidade da Bahia, Edgar Rego dos Santos, a criação de um Centro de Estudos Afro-Orientais. O Centro foi criado e retomaram-se, então, os estudos sobre a criação do CEAO. O diretor-fundador, Agostinho da Silva, propunha estimular a criação de centros de estudos brasileiros em países africanos, para ampliar a influência da língua portuguesa (Reis, 2015).

A exemplo do Instituto de Estudos Africanos, da Universidade de Ibadan, Nigéria (1962). Esses investigadores interessavam-se sobremaneira pela África Ocidental, a exemplo da Nigéria e do Benin. Logo, a Bahia passou a contar com uma agenda de interesses continuados em desvendar as conexões com o continente africano a partir do que viam na Bahia. O primeiro deles a viajar neste intercambio proposto pelo diretor do CEAO, foi o professor Vivaldo da Costa Lima, em dezembro de 1959, que atou como leitor na Universidade de Ibadan onde ficou até 1961 e de lá enviou missivas expondo o interesse dos jovens africanos pela educação e de suas articulações bolsistas africanos desembarcaram na Bahia depois. A chegada de bolsistas africanos também fazia parte desta política de trocas culturais. O professor baiano Pedro Moacir estava em Dakar em maio de 1961 e seguiria para Ibadan na Nigéria, o professor Vivaldo da Costa Lima para selecionar a primeira leva de bolsistas africanos que viriam com apoio do governo brasileiro.

Milton Santos também esteve na África neste período. Durante o ano letivo de 1957-1958 que passou na *Université de Strasbourg*, enquanto realizava seu doutoramento, Milton Santos fez algumas viagens pelos continentes europeu e africano. Ele foi professor concursado em Ilhéus, advogado e colaborador em caráter efetivo no 'A tarde', jornal de Salvador, assinando a crônica 'Bilhetes de Ilhéus' e escreveu Marianne em Preto e Branco fruto de sua viagem à África e a Europa, determinantes na sua

formação intelectual que lhe rendera esta obra-diário de viagem. Outros viajantes para a Nigéria foram o casal Guilherme de Souza Castro e Yêda Pessoa de Castro (1980) buscava-se investigar conexões religiosas entre a Bahia e determinados países da África Ocidental. Da convergência desses interesses resultou a singular experiência do “Souza Castro” na Nigéria, onde estiveram entre 1962 e 1963.

O contexto político de aproximações com a África fez com que o governo brasileiro montasse um espetáculo comovente da “democracia racial” declarando apoio e disposição para receber africanos no país. Vale destacar que os viajantes brasileiros que chegavam à Nigéria eram brancos, apoiados com subsídios e divulgados pela imprensa. Este grupo planejou e implantou a política africana, era branca e se dizia antirracista e íntima da cultura negra, acreditava na mestiçagem e partilhava da ideia freyriana de um mundo lusotropical (Alberto, 2011).

Assim como Edson Nunes, Yeda Pessoa era professora de Letras da rede estadual de ensino em Salvador quando conseguiu ser aprovada como leitora na Universidade de Ibadan, Nigéria, e também gozou de licença para afastamento da rede estadual.

Nesta segunda viagem, Edson já era um professor e intelectual consagrado, mas conforme as fontes e suas cartas enviadas de lá, estava sem bolsa e sem apoio e com silêncio da imprensa sobre suas vicissitudes acadêmicas de pesquisa, exceto um jornal paulista, de orientação umbandista que cobriu a ida e os objetivos de Edson em África. Seus recursos eram humanos e poucos, originados em contatos que manteve na estadia em Londres e também pela publicação da gramática de Yorubá que despertara os ingleses para a potencialidade da obra de Edson, mas das autoridades brasileiras não. Sua rede pessoal de sociabilidades e o reconhecimento intelectual lhe levaram a ter estadia e passagem numa parceria entre Bristol e Ibadan, com os diretores das duas instituições, a exemplo de Sabouri Biobaku. Edson escreveu da Nigéria pedindo ajuda a duas autoridades baianas: Anísio Teixeira e Agostinho Silva. Ao Diretor do CEAO apelou para as relações que este mantinha lá. “E seu auxílio seria de grande valor. Tenho apresentado o Centro de Estudos Afro-Orientais às várias instituições, mostrei os recortes de jornais da chegada do professor Lasebikan em Salvador e o interesse que a

Bahia tem em estabelecer relações culturais com a Nigéria”.¹¹ Estas convivências trocadas em cartas, viagens, escritos, notas de ações na imprensa compunham em conjunto um espaço cultural nas décadas em análise que compreende as duas viagens de Edson a Londres e Nigéria e é possível analisar as relações estabelecidas entre ele e diferentes agentes sociais. O próprio Edson afirmara que “Tenho conversado com antropologistas ingleses e nigerianos acerca do assunto [...]Tenho apresentado o Centro de Estudos Afro-Orientais às várias instituições, mostrei os recortes de jornais da chegada do professor Lasebikan em Salvador e o interesse que a Bahia tem em estabelecer relações culturais com a Nigéria”.¹²

Suas impressões sobre a educação e um pedido para continuar sua pesquisa com suporte material chegaram ao gabinete de Anísio Teixeira em quinze de junho de 1960. Numa carta longa, o professor pedia ajuda, ao passo que fez importante relato etnográfico.

Na mesma pasta do acervo da FGV/CPDOC encontramos a carta de uma brasileira estabelecida na Nigéria, mas em condições opostas à do professor Edson, Zora Seljan. Zora enviara duas cartas. Antônio Olinto escreveu sobre as comunidades afro-brasileiras da costa ocidental intitulada, *brasileiros na África*, após dois anos vivendo na embaixada do Brasil em Lagos.

Na primeira carta analisada, Zora a envia com um presente para Anísio Teixeira, uma escultura de Xangô. E aproveitou para tratar de futuros encontros entre eles e os amigos em comum. Na segunda carta, ela tratava do resultado de um trabalho que lhe fora encomendado oficialmente e remunerado e que prometia entregar até o próximo mês de maio, intitulado “*Aeducação na Nigéria*”. Ela focou sua análise no ensino primário. Edson, por sua vez, descreveu a situação do Ensino Superior e do tratamento dado a professores pesquisadores, fazendo pesquisa de campo com intuito de produção acadêmica. A carta para Anísio Teixeira é reveladora de uma Nigéria diferente da que as manchetes dos jornais da década de 1960 costumavam mostrar. Edson parecia desesperado para realizar a pesquisa e por isso escreveu cartas para Anísio Teixeira, Diretor da Instrução Pública e depois para

¹¹ Carta do Professor Edson Nunes da Silva a Agostinho da Silva, Ibadan, 10 de outubro de 1960, Anexo 96.

¹² Carta do Professor Edson Nunes da Silva a Agostinho da Silva, Ibadan, 10 de outubro de 1960, Anexo 96

Agostinho Silva, diretor do CEAO e mantinha naquele período professores baianos custeados na Nigéria. Edson sabia que o intercâmbio entre intelectuais com bolsas e amparo estava a todo vapor, incluído o leitorado brasileiro e outros que já haviam se estabelecido por lá. E mais uma vez pediu a Agostinho: “Se puder mandar-me alguma publicação da Universidade, com relação a assunto afro-brasileiro, faça-o para ofertarmos à Biblioteca daqui. Há alguns estudiosos nigerianos interessados no problema aí em Salvador. Espero, em breve, a sua resposta, professor, socorrendo-me.¹³ Qual seria o problema de Salvador apontado por Edson? Ele só iria detalhar em 1970 numa publicação num jornal. Retomaremos mais adiante. Ele já era um pesquisador com produções consistentes, atuando num colégio e nem por isso encontrou o apoio para sua pesquisa. Na carta para Anísio, Edson iniciou explicando como fora parar na Nigéria: “Estou na África depois dos cursos que fiz em Londres e em Bristol” (Silva, 15/09/1960, p. 1). Ele se referia à experiência entre 1946-1947. E demonstrou como sua estadia como bolsista poderia ser muito significativa para a Bahia, uma vez que “A gramática que publiquei foi o motivo de eu ter obtido uma bolsa de estudos pelo “Yomba *Historical Research Scheme*”. O diretor Dr. S. O. Biobaku N.A PhD responsabilizou-se pela passagem de Londres à Nigéria e pela hospedagem” amparando-o a chegar até ali (Silva, 15/09/1960, p.1). O que denota que as redes que teceu em Londres foram acionadas nos anos subsequentes, é como o conceito de intelectual mediador auxilia na compreensão das ferramentas que Edson Nunes utilizou para mobilizar a comunidade de pesquisadores de Londres, da Nigéria e que implorava por carta na Bahia.

Na carta extensa, ele afirmou ainda que “o meu objetivo é estudar, continuar os estudos linguísticos, ou melhor, etnográficos com relação a esse grupo que passou a integrar a nossa formação étnica” (Silva, 15/09/1960, p.1). Este trecho nos permite inferir um pesquisador sedento por conhecimentos, para alavancar ainda mais suas produções que já estavam em curso mesmo sem o apoio institucional que a viagem atlântica de Edson estava marcada pela busca de uma relação entre África e Bahia como o traço mais significativo de sua viagem. Na Bahia da década de 1960, a África era reatualizada pelo

¹³ (Carta do Professor Edson Nunes da Silva a Agostinho da Silva, Ibadan, 10 de outubro de 1960, Anexo 96).

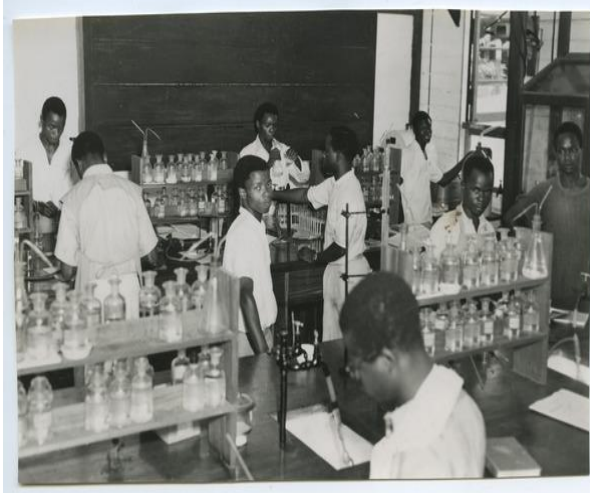
candomblé falante de Iorubá, pela chegada de pesquisadores fazendo registros fotográficos, linguísticos e antropológicos.

A missiva impressiona pelos detalhes em que Edson traça paralelo com a História do Brasil da Bahia, da escravidão, das palavras faladas na Bahia e como a duas horas de carro dali, em Lagos havia ainda muita História da Bahia inexplorada e destacou “Soube que em Porto novo a duas horas de carro daqui há arquivos nos quais há muita coisa que a nossa História desconhecia. Assuntos ligados à nossa História em Lagos” (Silva, 15/09/1960, p.1). Ele se coloca como pesquisador brasileiro sedento por coletar dados e ressalta a sua identidade com o tema. Nas linhas seguintes, descreve como outros pesquisadores recebiam apoio, materiais de pesquisa e o quanto eles avançavam na coleta de dados e o quanto ele estava necessitado e ficando impossibilitado de registrar a pesquisa. Isto se elucida com o trecho em que, ao dialogar com pesquisadores americanos que também estavam em Ibadan, eles prometeram dar alguns dados a Edson, mas ele parecia desanimado e explicou: “Mas acredito que fica aí. O que lamento, Doutor Anísio, é a falta de recursos materiais” (Silva, 15/09/1960, p.1).

A carta era um pedido desesperado de quem constataria tantos dados etnográficos, linguísticos, culturais e religiosos e que não possuía nem gravador, máquina fotográfica, tampouco um veículo para transitar nos espaços onde as fontes de pesquisa estavam. Encontramos um Edson que parecia apelar para todos os motivos e concluiu: “Sou um pobre pesquisador sem essa aparelhagem. Se tivesse recursos como os americanos, ingleses e hindus têm, o meu trabalho seria melhor! Eles aqui têm o processo de microfone para documentos, mas cobram” (Silva, 15/09/1960, p.1).

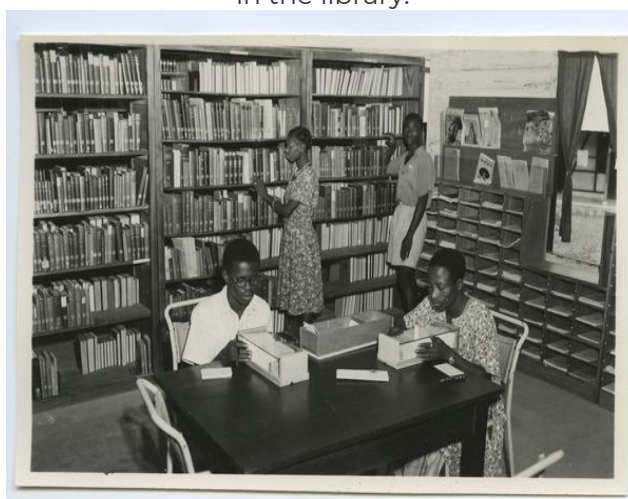
No entanto, não deixa de desmitificar uma África distante e selvagem que supostamente não teria uma estrutura educacional, revelando-se tão exemplar e descreve: “Estou hospedado na Universidade de Ibadan. É uma cidade universitária em 10 milhas quadradas, arquitetura em linhas modernas”. Na segunda página da carta, Edson descrevia a impressionante estrutura, sobretudo os anexos aos departamentos, e como havia um zoológico e laboratórios anexos, bem como a faculdade de arte possuía um teatro, dentre outras inovações tecnológicas.

Figura 3 -View of students in a chemistry lab.



Fonte: University College, Ibadan, Nigeria:
library: Postcards, ca. 1960. Horace Mann Bond
Papers (MS 411). Special Collections and
University Archives, University of Massachusetts
Amherst Libraries.

Figura 4 - View of students seated at a table
in the library.

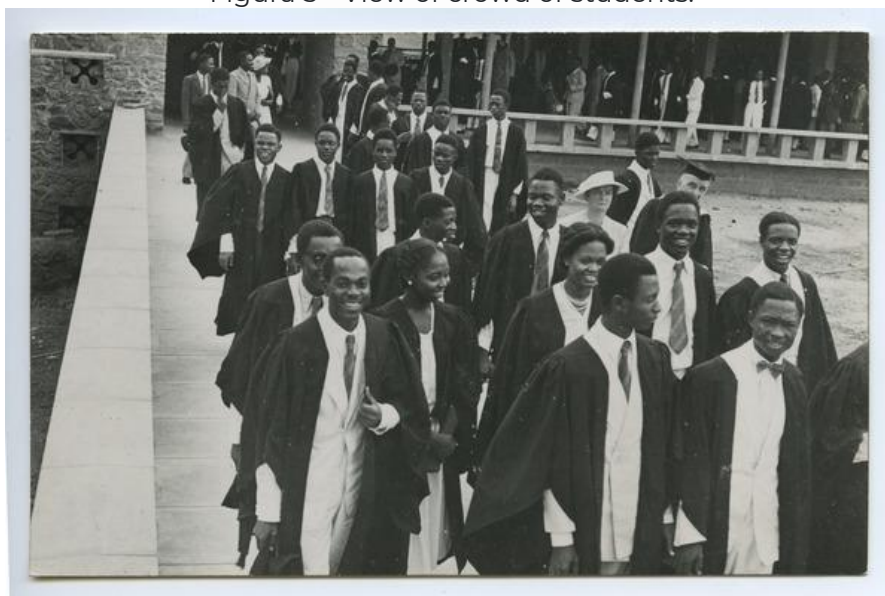


Fonte: University College, Ibadan, Nigeria:
library: Postcards, ca. 1960. Horace Mann Bond
Papers (MS 411). Special Collections and
University Archives, University of Massachusetts
Amherst Libraries.

Edson destacou, impressionado, como dezenas de ruas cortavam a universidade e havia cinco blocos de apartamentos para alunos, com área ampla para todo tipo de esporte. Maravilhado concluiu na esperança de convencer seu interlocutor a ajudá-lo “é uma África diferente do que pensamos aí” e fez referência a sua área de atuação quando analisou que a

disciplina era em inglês e que nos meses de agosto e setembro mais de mil estudantes voaram para a especialização na Inglaterra.

Figura 5 - View of crowd of students.



Fonte: University College, Ibadan, Nigeria: students in academic robes walking out of a building: Postcards, ca. 1960. Horace Mann Bond Papers (MS 411). Special Collections and University Archives, University of Massachusetts Amherst Librari.

Bradou Edson na sua missiva, “Esta é a Nigéria do Doutor Anísio andando a passos largos!” e concluiu: “Queira aceitar um abraço, se quiser socorrer, nem equipamento abaixo vai a minha direção, Edson” (Silva, 15/09/1960, p. 3). Para Agostinho Silva o teor era parecido, apresentou-se do seu lugar de observação, fala, pesquisa assim “Em plena África estou. O campo é vasto e o material abundante”. Na sua carta relatava suas iniciativas isoladas pessoais em busca de apoio e afirmou que andava conversando com antropologistas ingleses e nigerianos sobre o assunto. Eles tinham as maiores vantagens por terem dinheiro e, poderem locomover-se para a região afastada. Estão equipados; Boa aparelhagem.¹⁴ Mas o apoio esperado não chegou. Edson Nunes sentiu um desamparo que é contemporâneo a muitos professores-pesquisadores-negros e eis resposta do professor Anísio Teixeira.

Meu caro Edson, muito obrigado pela sua carta já velhíssima 15/09/1960. É que seu pedido saía de todas as rotinas e com isto, rodou por aqui inutilmente. Não podemos fornecer equipamento. O nosso trilhozinho

¹⁴ (Carta do Professor Edson Nunes da Silva a Agostinho da Silva, Ibadan, 10 de outubro de 1960, Anexo 96).

é o de treinamento de pessoal com despesas somente de pessoal ajudamos o treino de pessoas mas não lhe podemos dar nenhum lápis são assim as novas precisões da burocracia especializada na verdade quem lhe devia dar o equipamento era a sua universidade. Mas ela deve estar também amarrada por alguma determinação que a impede de fazer isto penso que o Brasil quando crescer vai ser um dos mais terríveis infernos do mundo do futuro onde tudo será teoricamente possível receba contudo minha simpatia minha admiração e o mais incondicional apreço sei que isto nada vale, mas é o que posso lhe ajudar nesta oportunidade muito seu, Anísio Teixeira.¹⁵

Além da simpatia e da admiração desejadas, Edson não recebeu apoio material. A resposta de Anísio resume o desamparo que um pesquisador em viagem atlântica experimentou. As fontes não nos permitem afirmar o impacto e o desfecho que marcaram a trajetória deste intelectual diaspórico.

O retornado: professor Edson de volta à Bahia

Não sabemos detalhes da vida particular no contexto do retorno do professor Edson à Bahia. Mas, sua vida pública é acompanhada pela imprensa como um intelectual de grande prestígio e nos permite mapeá-lo devido às suas múltiplas atribuições. Acercando-nos mais da produção intelectual de Edson Nunes citada no exterior, encontramos.

Quadro 2 - Citações internacionais sobre a obra de Edson Nunes.

Revista, Livro ou periódico	País	Ano	Página
Back to Africa: Afro-Brazilian Returnees and Their Communities	África do Sul	2009	337
Ciências sociais: notas e informaciones	EUA	1955	312
Ebony	EUA	1965	38
National Union Catalog	EUA	1980	556
Negro Digest	EUA	1962	38
Studia Africana	EUA	1977	44
The Wiley Blackwell Reader in Practical Theology	Reino Unido.	2019.	163
Yoruba Language and Literature	Niger	1982	276

Fonte: Quadro elaborado a partir das buscas em citações pelo descritor “Edson Nunes da Silva”.

Desta condição, depreende-se a importância das categorias itinerário, geração e circulação na análise de sua trajetória. Decerto, o itinerário é

¹⁵ Arquivo: Anísio Teixeira -Classificação: AT t 1956.10.29 Data: 29/10/1956 a 20/05/1964.

classificado como estrutura que trata do destino individual ou de trajetórias cruzadas, vidas paralelas, oriundos de uma mesma matriz comum. O itinerário de Edson foi cruzado com os intelectuais de várias procedências em suas viagens e com o estabelecimento de trocas e redes. Ainda postula Sirinelli a categoria da sociabilidade como uma estrutura que possibilita uma forma de se organizar em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades difusas que fundam uma vontade e gosto de conviver (Sirinelli, 2003).

Edson Nunes, atuou como vice-presidente do Centro de Estudos Etnográficos e do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia¹⁶ e chegou a afirmar que a abertura de candomblés para o turismo seria um desvirtuamento desses terreiros, já que muitos deles estavam movimentando-se fora de época, somente para os turistas apreciarem (Santos, 2005). Definimos Edson como um intelectual incansável, conciliando docência e produção acadêmica. Não foi sem razão que uma revista da imprensa negra discutia as oportunidades dos “homens de cor” e este periódico o incluiu como catedrático professor de inglês da Bahia como um nome a ser considerado entre os mais significativos. Tal fato se deu num contexto em que apontavam uma lista seleta de sujeitos com distinção suficiente para a indicação na condição de “intelectuais de sangue negro”¹⁷ para exercer funções ou cargos públicos. A primeira seria o escritor Edson Carneiro e a segunda o professor Milton Santos da Universidade da Bahia, que àquela altura já dera cursos em Estrasburgo e Soborne. Agora o seu primo era também citado num reduto difícilimo de estar, numa reportagem ilustrada pela foto de Abdias do Nascimento.

Entre os nomes cogitados para assumir um importante cargo público estava o do “professor Edson Nunes da Silva, catedrático de Inglês na Bahia”, entre outros como José Pamphilo da Hora, Fernando Góis, Heitor dos Prazeres, Ataulfo Alves e Solano Trindade.¹⁸ Na década de 1970, Edson se pronunciou na imprensa denunciando o racismo na Bahia num contexto em

¹⁶ Boletim geográfico. (1967). Brasil: Conselho Nacional de Geografia, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

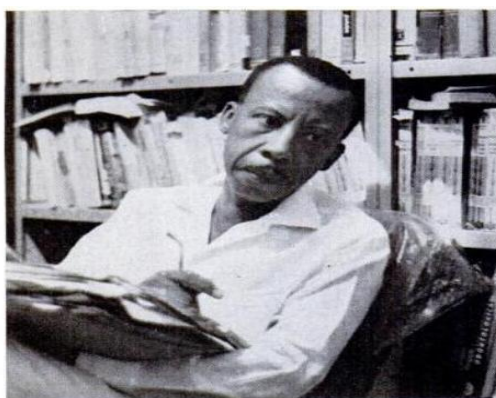
¹⁷ HDBN, Revista Manchete (RJ) Alvorada para os negros. 1961, ed. 0468, p 77-79

¹⁸ HDBN, Alvorada para os negros. 1961, ed. 0468, p 77-79

que auxiliava a um pesquisador africano que estava em campo na Bahia, o sociólogo Anani DzuDzienyo do Instituto de Relações Raciais de Londres.

O pesquisador foi amparado durante os seis meses de pesquisa na Bahia por Edson Nunes e Vivaldo da Costa Lima e teceu afirmações sobre a cultura negra e o racismo tão pungente na Bahia. Mas ele se enquadrava ainda na esteira da busca da sobrevivência de africanismos na Bahia, como os predecessores, observou que nas classes mais humildes sabiam distinguir costumes de Gana, Nigéria ou Daomé além de falar Iorubá, mas que a escravidão deixou um estigma na mente dos descendentes. Na ocasião, Edson Nunes falou à imprensa que “é um crime negar que existe preconceito racial no Brasil, embora esteja camuflado de preconceito social. A existência da Lei Afonso Arinos torna evidente que o preconceito existe”.¹⁹ Suas ideias ressoavam.

Figura 6 – Professor de Inglês e autor (1965).



Professor of English and author Edson Nunes da Silva, Salvador, says Janio Quadros (1961) was first president to say officially that prejudice exists in Brazil.

Fonte: Revista Ebony - set. 1965 - Página 38, Vol. 20, nº 11.

Uma década depois de voltar da Nigéria, foi atuante no CEAO e suas publicações continuaram. Soma-se ainda à lista as obras “*Estrutura do pensamento afro-brasileiro (eminismo)*” em 1975, “*Elementos estruturais da lógica: sinopse filosófica*” em 1978 e “*Os três eus*” em 1989, esta última com o apoio do Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador.

Edson estava em muitas duplicidades, no ensino e na pesquisa, reconhecido mais fora da Bahia do que dentro dela – pelo menos nas notas

¹⁹ HDBN, Jornal do Comércio (AM), edição 20623, 10 de fevereiro de 1971, p.6

da imprensa baiana como parâmetro. Mas, ainda assim, mediante uma destacada produção e circulação, Edson foi o intelectual mediador, ou seja, aquele “cuja presença e importância nas várias sociedades e culturas têm grande relevância, porém nem sempre reconhecimento” (Gomes e Hansen, 2016, p. 9).

Considerações Finais

A questão que orientou este texto está relacionada a uma premissa de que há uma inconciliável questão entre a produção, circulação e importância deste professor em comparação a uma produção historiográfica sobre sua trajetória marcada por invisibilidade.

A pesquisa cartografou um sujeito que percorreu longas distâncias tendo como objetivo aperfeiçoamento dos seus estudos, entrecruzando temas como relações raciais, educação e culturas afro-diaspóricas. Mas assistimos a um elenco de sujeitos com o apoio institucional, ao passo que Edson Nunes em cartas relatou uma série de dificuldades que o único pesquisador preto sofreu, ao passo que outros pesquisadores brancos e com apoio oficial não sofreram.

Confirmamos que a hipótese central é de que esta trajetória histórica pode ser perscrutada a partir de docentes negros que são invisibilizados no tocante às suas contribuições, publicações, viagens e cartas. Foi de Milton Santos, primo de Edson, que partiu a primeira conclusão sobre a invisibilidade da trajetória imponente de Edson Nunes. Em entrevista a Azoilda Trindade, queixou-se no dia 23 de junho de 1998, quando esta o entrevistou na USP (Universidade de São Paulo). A entrevista foi intitulada “*Um intelectual brasileiro educado para o mando: uma conversa com Milton Santos*”, cujo foco era entender seu posicionamento sobre educação.²⁰ A fala de Milton Santos coaduna com as conclusões a que chegamos neste texto, vale a pena lê-la na íntegra.

Milton Santos – Você conheceu o Edson Nunes da Silva? O professor Edson Nunes?

Azoilda Trindade – Não.

²⁰ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/um-intelectual-brasileiro-educado-para-o-mandouma-conversa-com-milton-santos/>. Acesso em.

Milton Santos – É um meu primo longínquo, possivelmente de seu pai também – não sabemos até que ponto somos primos. Ele é dez anos mais velho que eu, era muito amigo do seu pai, Ubaldino, também. E esse é um caso interessante porque é um homem de grande cultura. Foi, talvez, um dos primeiros negros de minha geração a ir com bolsa de estudos para o estrangeiro, mas que nunca decolou. Sempre foi conhecido como homem de valor, respeitado, mas nunca chegou a nenhum cimo.

Na Década de 1990, Edson Nunes doou dezenove artefatos, entre duas ferramentas de orixás, quatro utensílios, treze acessórios de vestuário, ao museu afro da Bahia. Aquele era um acervo pessoal custeado pelos seus esforços como professor de inglês, com seus livros na condição de estudioso das tradições religiosas afro-brasileiras independentes. No mesmo período, Vivaldo da Costa Lima, Yeda Pessoa e Guilherme Souza Castro, Zora Seljan e Antônio Olinto estiveram com toda a estrutura, custeio e condições objetivas e subjetivas de pesquisar a Nigéria e inclusive escreveram sobre isso depois e publicaram. Zora Seljan e Edson Nunes falaram sobre o mesmo tema: a educação na Nigéria no início da década de 1960 e enviaram, com motivos diferentes, suas cartas para Anísio Teixeira. Ela obteve apoio irrestrito, ele apenas uma negativa.

A pesquisa historiográfica, desenvolvida a partir do campo da História da Educação, analisou, a partir de fontes documentais, questões que reverberam na prática de diversas maneiras. No Ensino de História, na aplicabilidade da Lei 10.639, desmembrando como se dá na prática uma política do esquecimento que apaga pessoas negras da memória coletiva. Uma vez que ensino e pesquisa não se separam para nós, historiadoras e historiadores da educação, quatro décadas separam a segunda viagem de Edson Nunes da Silva a Nigéria ao ato que sancionou a Lei 10.639 em 2003 no Brasil e o campo historiográfico e o da pesquisa educacional ainda possuem lacunas de trajetórias de intelectuais cujas histórias cheguem efetivamente aos currículos escolares, como a trajetória de Edson Nunes da Silva.

Referências

ALBERTO, P. L. Para africano ver: intercâmbios africano-baianos na reinvenção da democracia racial, 1961-63. **Afro-Ásia**, 44, 2011.

APEB, Arquivo Público do Estado da Bahia - Secretaria da Educação, Caixa 3950. Maço 53.

Arquivo: Anísio Teixeira - Classificação: AT t 1956.10.29 Data: 29/10/1956 a 20/05/1964 Qtd.de documentos: 10 (489 fls.)

BARROS, A. dos S. I.; ALMEIDA, C. B. de. O Gymnasio da Bahia: um espaço elitizado do saber? **Cadernos De Educação**, (67), 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/caduc.vi67.24156>

BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (Orgs.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

BOLETIM geográfico. (1967). Brasil: Conselho Nacional de Geografia, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

BONTEMPI JUNIOR, B. Pensamento educacional e intelectuais na história da educação brasileira. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 22, n. 1, p. 145-166, 2020. DOI: 10.22483/2177-5796.2020v22n1p145-166. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3574>. Acesso em: 29 abr. 2025.

BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BURKE, P. **A escrita da História**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CARTA do Professor Edson Nunes da Silva a Agostinho da Silva, Ibadan, 10 de outubro de 1960, CEAO.

CASTRO GOMES, A.; HANSEN, P. S. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2016 Companhia das Letras.

CAVALCANTE, I. **Educando libertos, escravizados e operários**: A trajetória do professor Cincinato Franca, Bahia 1860-1934. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

DE BARROS, S. A. P. Intelectuais negros entre o século XIX e início do XX: novas perspectivas para a história da educação brasileira. **Dialogia**, [S. l.], n. 37, p. e19826, 2021. DOI: 10.5585/dialogia.n37.19826. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/19826>. Acesso em: 29 abr. 2025.

DE CASTRO, Y. A. P.; CASTRO, G. A. de S. **Culturas africanas nas Américas**: um esboço de pesquisa conjunta da localização dos empréstimos. Afro-Ásia, Salvador, n. 13, 1980. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20808>

DIÁRIO DA BAHIA: O Diário da Bahia é propriedade de uma Associação (BA) - 1882 – 1889, 04 de dezembro de 1889.

DOSSE, F. **A história em migalhas dos annales à nova história**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

ECAR, A. L.; BARROS, S. A. P. de. **História da educação**: formação docente e a relação teoria-prática. São Paulo: FEUSP, 2022.

FERREIRA DE ASSIS, C.; MOREIRA BRITO, G. Alberto Assis: professor, autor e intelectual na História da educação da Bahia republicana. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 78, p. 77-90, 2024. DOI: 10.12957/teias.2024.83854. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/83854>. Acesso em: 29 abr. 2025.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Difel, 1989b.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUIMARÃES, A. Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940- 1960. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V. (orgs.). **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCB, 1996, pp. 142-157. ISBN: 978-85-7541-517-7.

HDBN, **Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional** (RJ) - 1938 a 1982, ed. 001.

HDBN, **Jornal de Umbanda**: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda (RJ) - 1952 a 1960.

HDBN, **Folha Mineira** (MG) - 1949 a 1959. Sexta feira, 8 de maio de 1959, edição 004001.

HDBN, **Imprensa Popular** (RJ) –. Edição 00592, 09 de janeiro de 1951.

HDBN, **Jornal do Comércio** (AM), edição 20623, 10 de fevereiro de 1971.

HDBN, **Revista Manchete** (RJ) Alvorada para os negros. 1961, ed. 0468.

LE GOFF, J. **História e nova história**. Lisboa, PT: Teorema, 1986.

MAIO, M. C. (2009). Estudos de Comunidade e relações raciais: o convênio Columbia University-Estado da Bahia/Unesco na década de 1950. **Cadernos De Campo** (São Paulo - 1991), 18(18), 257-271. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v18i18p257-271>

MIGNOT, A. C. **Viajar para legitimar:** Armanda Álvaro Alberto na comissão de Intercâmbio Brasil-Uruguai (1931). *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 22, p. 43-64, 2010.

MIGNOT, A. C.; GONDRA, J. G. (org.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007

HDBN, **O Jornal**, Rio de Janeiro, Quarta-feira, 28 de agosto de 1946, ed.8077.

REIS, L. N. dos. **Estudantes africanos e africanas no Brasil (Anos 1960)** [recurso eletrônico] Recife: Ed. UFPE, 2021.

SANSONE, L. **Estação etnográfica Bahia:** a construção transnacional dos Estudos Afro-brasileiros (1935-1967). Campinas: Editora da Unicamp, 2022. 317 p

SANTOS, C. B. DA S. “Uma Rainha Negra entre os súditos brancos”: trajetória da intelectual negra Conceição Soares Lopes na História da Educação de Ilhéus. **Sertanias:** Revista de Ciências Humanas e Sociais, v. 4, n. 2, p. 1–23, 27 dez. 2023.

SANTOS, C. B. da. (2022). Do sertão ao sul baiano. **Revista Brasileira De História Da Educação**, 22(1), e216. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e216>.

SANTOS, C. B. da S. Do sertão ao sul baiano: sociabilidade, circularidade e atuação do intelectual negro Deoclecio Silva (1889-1927). **Revista Brasileira De História Da Educação**, v.22 e216, p. 1-26, jan-dez. 2022. Disponível em <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e216>. Acesso em 22 mai. 2023

SANTOS, J. J.; SANTOS, C. B. da S. (2022). A trajetória de um professor negro no magistério superior: O caso do professor Francolino Gonçalves de Queiroz Neto (1970-1990). **Abatirá** - Revista De Ciências Humanas E Linguagens, 3(5), 518–542. Recuperado de <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/13353>

SANTOS, J. T. O candomblé como “imagem-força” do estado. In: **O poder da cultura e a cultura no poder:** a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil [online]. Salvador: EDUFBA, 2005, pp. 129-193. ISBN 978-85-232-0895-0.

SANTOS, M. **Marianne em preto e branco**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1960.

SCHMIDT, B. B. (Org.). **O biográfico:** perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. 309 p.

SCHUELER, A. F. M. de, & Gondra, J. G. (2012). Olhar o outro, ver a si: um professor primário brasileiro no “Velho Mundo” (1890-1892). **Revista Brasileira De História Da Educação**, 10(1 [22]), pp. 87-112. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/40825>

SILVA, A. L. **Escritas de viagem, escritas da história**: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, A. L. Ideias em movimento: viagens como horizonte na historiografia da Educação. **Roteiro**, Joaçaba, ed. especial, p. 109-126, 2013.

SILVA, A. L. Intelectuais viajantes: caminhos para uma história da educação na América Latina. **Intellèctus**, ano XIV, n. 1, p. 1-16, 2015.

SILVA, E. N. da. **Introdução ao estudo gramatical da língua Yorubá**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1958

SILVA, E. N. da. **Olorun e Oduduwa**. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959. 36 p. (Centro de Estudos Etnográficos da Bahia; 2).

SILVA, E. N. da. **Princípios críticos ou dialéticos do cristianismo**. Salvador: [s.n.], 1979. 226 p.

SILVA, E. N. **Fontes da Cultura Popular Afro-Brasileira; Yemanjá, um símbolo Cosmogônico**. Trabalho apresentado ao III Congresso Brasileiro de Folclore, Salvador, 1958.

SIRINELLI, J-F. **As elites culturais**. In: Rioux J.-P. ; Sirinelli, J.-F. (orgs.). Para uma história cultural. Lisboa: Estampa. p. 259-279.

SIRINELLI, J-F. **Os intelectuais**. In: Rémond, René (org.). Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 231-269.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

VIDAL, D. G.; FARIA FILHO, L. M. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70, jul. 2003.

VIÑAO FRAGO, A. **Viajes que educan**. In: MIGNOT, A. C.; GONDRA, J. G. (org.). Viagens Pedagógicas. São Paulo: Cortez, 2007. p. 15-38.